

A pesquisa sincrônica e diacrônica em língua portuguesa

Vanda de Oliveira Bittencourt

(UFMG)

Sem dívida, para quem hoje usa e tem a oportunidade de refletir sobre a língua que usa, alguma informação histórica passada é um instrumento útil para o conhecimento de sua língua. (MATTOS E SILVA, 1991: 13)

Essa afirmação da Profa. Rosa Virgínia Mattos e Silva, que tanto tem contribuído para o revivescimento da abordagem diacrônica do Português entre nós, vem trazer à tona uma antiga polêmica em tomo da distinção que se costuma fazer entre **sincronia** e **diacronia**.

Termos adotados por SAUSSURE (1922), o primeiro serve para designar a concatenação dos fatos de uma língua num dado momento ou estado de sua história, ao passo que o segundo refere-se aos fatos da língua tomados na sua sucessão, isto é, no devir das sincronias.

Transpondo essa dicotomia mais voltada para a perspectiva do objeto de estudo em si (a língua) para a da sua abordagem, vamos constatar, no percurso temporal dos estudos lingüísticos, a proeminência conferida pelos autores a um ou a outro desses dois pontos de vista, sincrônico ou diacrônico, o que estaria espelhando uma tensão também sob tal aspecto.

Em decorrência da própria concepção de linguagem e do relevo conferido à língua escrita literária, vista como material a ser resguardado ou modelo ideal a ser imitado, os estudos lingüísticos, desde os primórdios, privilegiaram a ótica sincrônica, em detrimento da diacrônica.

Com o despertar do interesse pela comparação de línguas, ocorrido no início do século XIX, a situação até então vigente sofre uma reversão total. A dimensão histórica assume a vanguarda e os horizontes do campo de investigação deixam de restringir-se a um idioma particular (grego, latim, português), passando a englobar línguas geneticamente afins (indo-européias, germânicas, neolatinas, eslavas, etc.). Assiste-se, então, ao nascimento da Filologia (ou Lingüística) Comparada, que vai tendo formada a sua credibilidade científica com um instrumental metodológico

mais sistemático e racional que desenvolve: o Método Histórico Comparativo.

O entusiasmo pela oportunidade de contato com línguas até então desconhecidas (o sânscrito, por exemplo), a eficácia da metodologia aplicada, sobretudo no terreno da fonética, vão determinando que o fiel da balança da investigação lingüística penda, unilateralmente, para as bandas da diacronia. Os seus representantes mais exacerbados recebem o nome de “neogramáticos”, conferido pela ala adversária que os quer ridicularizar. Aceitando com orgulho a designação, esse grupo defende acirradamente a universalidade e a imutabilidade das leis fonéticas, que vão estabelecendo, a partir do acompanhamento que fazem do dinamismo evolutivo das línguas.

Nas primeiras décadas do século XX, a tensão entre as duas perspectivas de análise, sincrônica e diacrônica, é reavaliada por SAUSSURE (1922) e seus seguidores, resolvendo-se, de novo, e de um modo mais contundente, em favor da primeira. Aliando sincronia ao fato estático, e diacronia, ao mutante, entre os adeptos da nova corrente, dita estruturalista, a opção é por separar um do outro, encarando-os dissociadamente entre si.

A conciliação chega praticamente na década de sessenta com a inauguração da Sociolingüística Quantitativa por WILLIAM LABOV. No seu texto a três mãos com WEINREICH e HERZOG (1968, p.99-100), a recomendação básica é que “se aprenda a ver a linguagem – de um ponto de vista diacrônico e/ou sincrônico – como um objeto detentor de heterogeneidade sistemática” (p.99-100). A metodologia adotada por essa linha de análise oferece ao pesquisador condições de detectar mudanças em curso no conjunto de variações presentes, num determinado estágio lingüístico. Tem-se, então, a possibilidade dupla de apreensão da mudança: no tempo aparente (na sincronia em estudo) e no tempo real (numa sucessão de sincronias).

Essa compatibilização atinge até mesmo os quadros da Gramática Gerativa, de base racionalista. Na sua vertente de Princípios e Parâmetros, postulada mais contundentemente a partir de CHOMSKY (1986), tal programa teórico passou a encampar a questão da variação intra e inter-lingüística, descrevendo-a e justificando-a em termos da atribuição de valores diferentes para determinados fenômenos lingüísticos (variação paramétrica).

Num passo sem dúvida arrojado, vamos encontrar, no Brasil de hoje, estudiosos da UNICAMP, que vêm tentando associar os dois projetos, sociolinguísta (de base empirista) e gerativista (de caráter racionalista). Com isso, eles vão dando prosseguimento ao modelo teórico da “Harmonia Tran-Sistêmica” defendido por TARALLO (1987) e por TARALLO e KATO (1989), que, segundo os mesmos

... resgata a compatibilidade entre as propriedades paramétricas do modelo gerativo e as possibilidades do modelo variacionista, seja para provar seu espelhamento e reflexo, seja para realinhar um modelo em função do outro.

As pesquisas do grupo de Campinas somadas a outras, de linhas diversas, que vêm sendo empreendidas em instituições brasileiras (UFB, UFRJ, UFMG, etc.) soam como uma reabertura de espaço, entre nós, para o interesse pela história da língua portuguesa, que, de acordo com MATTOS E SILVA (1992: 87) tem sido “pouco pensada e estudada nas últimas décadas”. Esse novo impulso entre nós serve para restabelecer e renovar o acervo de pesquisas diacrônicas, arrefecido com o desaparecimento de autores como Ismael de Lima Coutinho, Serafim da Silva Neto, Theodoro Henrique Maurer Jr., Said Ali, Clóvis Monteiro e outros mais.

É justamente nesse contexto de conagraçamento (ou de casamento) entre duas óticas de análise, bem como de programas teóricos com vários pressupostos dispare, que se insere a pesquisa que venho desenvolvendo, há já um bom tempo, acerca das estruturas causativas presentes no Português, sobretudo na sua vertente brasileira. A exposição, aqui, de alguns aspectos desse estudo nada mais é do que uma estratégia prática de que me valho para comprovar quão enriquecedor e até mesmo quão elucidativo pode ser o entrelaçamento das duas abordagens, sincrônica e diacrônica.

Buscando coadunar o plano dessa apresentação com a linha de trabalho docente que tenho desenvolvido junto à FALE, sigo um roteiro de apresentação, que se assenta na trajetória cronológica da própria investigação que venho empreendendo.

O impulso inicial que me levou ao estudo das causativas nasceu da constatação da ocorrência de estruturas de configuração sintética como as

de abaixo, coletadas de nossa língua oral distensa, e até mesmo de manifestações escritas:

- (1) a. “Bastou três ataques do Atlético para a torcida **tremer** o Mineirão.”
- b. “Do jeito que essa Brasília está, ela **ainda** vai **cair** a gente fora da estrada.”
- c. “Esse remédio aqui **morre** tudo quanto é praga de planta.”
- d. “Use o carrinho para o seu conforto e obrigado por **retorná-lo**.”
- e. “Tufão **soçobra** embarcações.”

Expressando, mais comumente, uma situação causativa em que o Causador age sobre o Causado, provocando nele uma mudança (de estado, de condição, de lugar, etc.), essa estratégia, de grande incidência num certo período da linguagem infantil (conforme fartamente indicado por FIGUEIRA, 1985), compreende alguns fatos importantes. Dentre eles, destaquem-se aqui o processo de transitivação de certo tipo de verbos mono-argumentais (ou intransitivos) e a extensão de um procedimento de causativação em concorrência com outros recursos presentes no Português. Dessa sorte, vamos encontrar a substituição de lexemas verbais intrinsecamente causativos como: **reconduzir, tirar, derrubar, matar**, etc., pelos supletivos, ou heterônimos, correspondentes: **voltar, sair, cair e morrer**, de caráter intransitivo, ilustrados em (1). Outro recurso de largo emprego entre nós é o uso de formas sintéticas em lugar de construções analíticas, constituídas de verbo causativo acompanhado de um complemento oracional infinitivo ou subjuntivo, conforme exemplificado nas sentenças abaixo, correspondentes aproximadas de (1):

- (2) a. Bastou (bastaram) três ataques do Atlético para a torcida fazer (com) que o Mineirão tremesse/o Mineirão tremer.
- b. Do jeito que essa Brasília está, ela ainda vai fazer (com) que a gente caia/a gente cair fora da estrada.
- c. Esse remédio aqui faz (com) que tudo quanto é praga de planta morra/tudo quanto é praga de planta morrer.
- d. Use o carrinho para o seu conforto e obrigado por fazer (com) que ele retome/fazê-lo retomar.
- e. Tufão faz (com) que embarcações soçobrem/embarcações soçobrar.

Na dimensão da sincronia, cabiam-me duas tarefas básicas (pelo menos): a definição do estatuto semântico e sintático do padrão sintético, em contraposição aos analíticos, e um levantamento quantitativo de ordem mais geral, que permitisse uma avaliação da produtividade real dos mesmos e propiciasse a detecção de indícios de mudanças já ocorridas ou ainda em progresso.

Para a execução da primeira atividade, parti de análises tradicionais como a de GÓIS (1945, 1955), que faz referência à transitivação de verbos intransitivos como: **adormecer**, **calar**, **acordar**, **passear**, etc., também registrada em outros gramáticas e em lexicógrafos. Embora diante de uma estrutura configurada como de SN V SN, esse autor (assim como os demais) atribui-lhe a mesma análise conferida às formas analíticas como as ilustradas em (2). Em seu trabalho de (1955:96) vemos expressa de modo mais explícito essa posição, abaixo transcrita:

*Antes desses verbos podem subentender-se os auxiliares **fazer** ou **tornar**, ex.: Adormeci **a dor** (adormeci o quê? a dor = Fiz a dor adormecer = Fiz que a dor adormecesse; **dor** é verdadeiramente o sujeito do verbo intransitivo **adormecer**; entretanto, ‘reveste a aparência’ de seu objeto direto.*

Tendo em conta que as duas possibilidades (sintética e analítica/semi-analítica) se distinguem por peculiaridades semânticas e sintáticas próprias, tomei novos rumos e encontrei em estudos que propunham uma classificação e análise diferentes para os verbos intransitivos, distribuindo-os em **ergativos**, quando portadores de um único argumento interno Paciente e verbos **inergativos**, também com um só argumento, mas de caráter externo e Agentivo.

Com base nessa dissociação e na definição do estatuto semântico e sintático de tal modalidade causativa, foi possível detectar com mais segurança a sua ampliação na fase atual do Português Brasileiro. Nos dados colhidos dos “corpora” de língua oral (Projeto NURC/São Paulo e Banco de Dados da FALE/UFGM), por exemplo, os resultados numéricos revelam o seguinte:

- a. a ascendência da estratégia de transitivação sobre a de caráter puramente lexical ou supletiva;

b. a extensão desse mesmo procedimento a certos itens ergativos menos afeitos a tal processo, como, por exemplo, os indicadores de fenômenos da natureza: **amanhecer**, **entardecer**, **anoitecer**, **trovejar**, etc. conforme exemplificação abaixo:

(3) a. “...é essa tal de destruição da natureza que tá custando a **anoitecer** o dia.”

b. “Não foi nada não, deve ter sido aquele choro que me **amanhecer** de olho inchado.”

c. “O tempo frio **entardece** o dia muito mais rápido.”

d. “A noite inteira o céu **trovoou** um barulho só na minha cabeça.”

e. “Num sei não. Esse ar carregado vai **chover** é muita água hoje.”

c. a sua ampliação, em decorrência de novas criações lexicais originadas sobretudo de processos derivacionais envolvendo sufixos como –IZAR; **terceirizar**, **sarneyzar**, **informatizar**, **computadorizar**, **dolarizar**, **fulanizar**, **historicizar**, **cafuneizar**, etc.

d. a sua aplicação até mesmo em lexemas verbais intransitivos inergativos, isto é, com argumento único Agentivo, segundo nos testemunham os dados de (1a, d), bem como os de (4), abaixo, recolhidos da língua oral:

(4) a. “Ele **voltou** a aluna para o lugar.”

b. “Eu **almocei** os meninos e depois levei eles pra escola.”

c. “Foi a reza dos amigos que me **andou** de novo.”

d. “Criei coragem e **passei** os dois gêmeos na praça.”

e. “Os palmeirenses pegaram porretes e **correram** os são-paulinos do estádio.”

Até mesmo na língua escrita literária, também examinada, pude registrar a vitalidade da terceira tendência acima arrolada, ou seja, da causativação de itens verbais intransitivos, decorrentes de derivação prefixal, sufixal, ou parassintética (**encrespar**, **escurecer**, **atemorizar**).

Esse quadro aqui sumariamente delineado leva-nos a interpretar sob nova ótica esses enunciados sintéticos tidos como marginais na nossa língua por análises exclusivamente sincrônicas. Numa leitura de caráter diacrônico,

em que se leva em conta uma seqüência sucessiva de sincronias, eles poderão ser vistos como indícios de alterações de tipos diferentes como: inovação, fortalecimento, substituição, obsolescência, etc.

No caso em pauta, o levantamento empreendido no eixo temporal num período que se inicia no século XVI e chega até a fase contemporânea, confirma muitas das propensões detectadas na sincronia atual. Uma delas, por exemplo, é o enrijecimento progressivo do uso de determinados sufixos e sufixos formadores de verbos intransitivos, desde o latim vulgar até a fase românica, propiciando uma subsequente causativação por aplicação do estratagema de transitivação dos itens resultantes. Nessa retrospectiva do trabalho efetuado com as causativas de configuração sintética, não posso deixar de mencionar também um aspecto que me chamou a atenção e que procurei, na medida do possível, incluir na análise efetuada. Trata-se de sinais de envolvimento dos actantes do discurso na opção pela estrutura sintética em lugar da analítica, ou vice-versa. O exemplo abaixo, de coleta espontânea de diálogo oral entre estudantes pós-graduados da PUC de São Paulo, e já apresentado em BITTENCOURT (1988), ilustra bem isso:

(5) “Olha... até que a gente não pode falar mal do Quércia não. Ele tem feito muita coisa pra São Paulo. Vejam por exemplo quanta estação de metrô nova ele construiu... eh... quer dizer... eh... mandou construir...”

Vê-se, aí, que o falante, valendo-se inicialmente de uma forma sintética para valorizar a atuação do governador Oreste Quércia, percebe que pode ter cometido exagero e volta atrás, buscando amenizar, com uma estrutura menos comprometedora, a defesa que faz, do governador de São Paulo, ou o entusiasmo que demonstra por ele.

Obviamente, para abarcar aspectos dessa natureza, foram necessárias novas compatibilizações com linhas teóricas que extrapolam os limites do plano puramente gramatical e o nível de sentença.

Feitas essas breves considerações a propósito das causativas sintéticas (mais especificamente das transitivo-ergativas), teço, agora, alguns comentários sobre uma das estratégias de conformação analítica (ou semi-analítica), que é a constituída por “verbo causativo + complemento oracional infinitivo”. Dessas, a mais usual no Português brasileiro culto é a que porta Causado acusativo, abaixo exemplificado:

(6) “Tudo o que eu como me faz emagrecer.”

Tal padrão, no entanto, vem sendo suplantado na língua oral pela forma com Causado nominativo, expresso por pronome pessoal reto ou pela flexão do infinitivo. Os dados expostos abaixo são concernentes às duas possibilidades:

(7) a. “Só mesmo o Antônio Fagundes pra fazer **ela** suspirar desse jeito.”

b. “A saudade fez milhares de fãs visitarem o túmulo de Sena.”

A co-existência dessas duas construções, no estágio presente do Português (brasileiro e lusitano), permite-nos diagnosticar uma provável situação de mudança em curso. A análise das duas formas será um excelente auxiliar para comprovarmos isso e elucidarmos o processo aí subjacente.

Conforme se sabe, as causativas do tipo de (6), chamadas de “**acusativo + infinitivo**” já entre os gramáticos latinos, desafiam o analista com alguns problemas. Um deles é a definição da sua estrutura configuracional e outro, o esclarecimento do papel sintático exercido pelo SN Causado, selecionado pelo verbo infinitivo, mas que tem uma certa ligação com o verbo matriz causativo.

Uma solução encontrada na literatura corrente é que estamos diante de um período composto, formado por uma oração principal contendo o verbo causativo e uma subordinada, infinitiva, que funciona como objeto direto da primeira. Integrando essa última, o SN Causado configura-se como sujeito da oração infinitiva, podendo assumir a forma acusativa ou nominativa.

Outra vertente, por sua vez, toma o conjunto “verbo causativo + infinitivo” como conjunto verbal complexo, ou mesmo como uma locução verbal, sendo o Causado simultaneamente objeto do verbo principal e sujeito do infinitivo.

Embora diversas, essas posições analíticas (e outras) ajudam-nos a localizar o cerne da questão: as causativas (e outros tipos de estrutura completiva) de infinitivo apresentam uma configuração superficial ambígua (ou opaca, no dizer de LIGHTFOOT, 1979): a saber: V SN V. Nela, o SN pode ser interpretado tanto como associado ao primeiro verbo (operador causativo) quanto ao segundo, em infinitivo. A emergência, na nossa língua, da construção com Causado nominativo teria, portanto, o efeito “terapêutico” de desfazer a ambigüidade dessa estrutura, tornando-a “transparente”. O

SN Causado qualifica-se inequivocamente aí como sujeito da oração infinitiva encaixada, expressando-se, canonicamente, em nominativo. Temos, então, uma interpretação clara do período como bi-oracionais, ou seja, como *analítico*.

Consubstancia-se, desse modo, nessa variação instaurada na sincronia presente, uma situação de mudança, e de estratificação estilística, em que um padrão mais conformado aos moldes canônicos de marcação casual do sujeito no Português se acha em concorrência com outro, de conformação ambígua e praticamente obsoleto no Português oral distenso. Com isso, vai-se resolvendo gradualmente uma outra tensão bastante comum nas línguas indo-européias que é a que se verifica entre sintetismo e analitismo. No caso em apreço, é a segunda tendência que, como vimos, vai vencendo na língua oral, numa repetição do que se deu no latim vulgar não só com as estruturas com complemento oracional similares a (6), mas com outros tipos de construção.

Se alargarmos os horizontes dessa análise, fazendo um retrocesso à fase latina e chegando até o estado românico atual, estaremos complementando o quadro aqui traçado com uma visão da escalada temporal das causativas de infinitivo. Ao lado disso tomaremos consciência das peculiaridades do Português brasileiro frente a outras línguas românicas e à variante européia.

Vasculhando o latim escrito, encontramos, na sua fase arcaica (desde as origens até fins do século II a.C.), a forma “ancestral”, que deu origem a outras tantas, latinas e românicas. De configuração mono-oracional, ela contém um lexema infinitivo de caráter *nominal*, adjungido a um SN objeto direto de verbos transitivos de aceção causativa, volitiva, sensitiva, etc. Na sentença abaixo, temos um exemplo portando verbo causativo:

(8) “Iubeo eum / uenire”

‘Dou-lhe uma ordem: a de vir.’

Como o elemento também tem caráter verbal, essas estruturas, tais como as nossas de acusativo, são de leitura ambígua: o constituinte em acusativo pode ser visto como associado ao verbo matriz ou ao infinitivo. Assim, ainda nessa fase arcaica, ele é reinterpretado (ou reanalisado) pelos usuários como elemento *verbal*, passando a ter com o SN acusativo uma relação mais estreita, conforme indicado abaixo:

(9) “Iubeo / eum uenire”

‘Ordeno que ele venha.’

Dessa forma, na língua latina, a famosa construção de “acusativo com infinitivo”, que inicialmente complementa verbos de julgamento e de aceção causativa, propaga-se, no período clássico, a itens de outros campos semânticos.

No latim vulgar, apesar do fortalecimento das completivas de subjuntivo, de configuração mais analítica, as causativas de infinitivo ganham maior vitalidade com o aumento do uso de formas com **facere**, que, apresentando uma aceção mais neutra, consubstancia-se como um verbo “light” e líder dessa mudança quantitativa.

Perseguindo a sua evolução no Português brasileiro, em “corpora” constituídos de cartas e diários coletados do século XVI até o período contemporâneo, constatamos que tal esquema (de “acusativo + infinitivo”) foi o preferido durante um longo período como o mais produtivo, dando continuidade, pois, à fase latina, em que se registra Causado nominativo apenas nas construções passivas. Só mais recentemente, como já se comentou, ele vem sofrendo a concorrência da forma com nominativo, para a qual vem perdendo terreno na língua oral. Na tabela ao lado, podemos visualizar bem esse percurso aqui narrado:

Tabela 1
Estatuto formal do causado nas estruturas causativas de infinito:
século XVI a XX

Modo de Realização do Causado	Séculos												Total	
	XVI		XVII		XVIII		XIX		XX					
									L. Oral		L. Lit.			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1 - Ø	18	54,5	26	55,3	26	50	46	47	05	38,5	04	20	125	47,5
2 - Acusativo	13	39,4	13	27,6	16	30,8	39	39,8	02	15,4	15	75	98	37,2
3 - Oblíquo Dativo	02	6,1	04	8,5	08	15,4	09	9,2	-	-	01	5	24	9,1
4 - Oblíquo Não Dativo	-	-	04	8,5	02	3,8	04	4,0	-	-	-	-	10	3,8
5 - Nominativo	-	-	-	-	-	-	-	-	06	46,1	-	-	06	2,3
TOTAL	33	100	47	100	52	100	98	100	13	100	20	100	263	100

Essa situação, diga-se de passagem, parece ser específica do Português do Brasil. Em outras línguas românicas como o Italiano, Francês e Espanhol, dá-se um aumento do “nexus” entre o verbo causativo e o verbo infinitivo, de modo que eles passam a formar uma espécie de complexo verbal: V + V. O verbo causativo (sobretudo o factitivo) sofre uma espécie de “gramaticalização”, aproximando-se, funcionalmente, de um afixo derivacional de caráter sintático.

Conseqüentemente a essa reanálise, o Causado passa a ter uma representação casual distinta, a saber: acusativo com verbos intransitivos, ou oblíquo (dativo e não dativo) com verbos transitivos. Nos dois conjuntos de exemplos abaixo, com verbo intransitivo e transitivo, respectivamente, instanciam-se as duas possibilidades:

- (10) a. Piero ha fatto lavorare Giovanni. (it.)
 b. Pierre a fait travailler Jean. (fr.)
 c. Pedro (le) hizo trabajar a Juan. (esp.)
 d. Pedro fez João trabalhar. (port.)
- (11) a. Piero ha fatto feggere il libro a/da Giovanni. (it.)
 b. Pierre a fait lire le livre à/par Jean. (fr.)
 c. Pedro (le) hizo leer el libro a/por Juan. (esp.)

d. Pedro fez ler o livro a/por João. (port.)

De pouca vitalidade nos “corpora” do Português brasileiro correspondentes aos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, nos fins deste, esses subtipos de causativa de infinitivo praticamente desaparecem da nossa língua, ocorrendo, de um modo esporádico, na modalidade escrita sobretudo literária.

Contrapondo as preferências do Português brasileiro e das línguas românicas supracitadas à situação latina, conclui-se o seguinte:

a) naquelas, o verbo causativo (principalmente o factitivo) é reanalisado como uma sorte de afixo derivacional de caráter sintático. O efeito dessa reanálise é a “**gramaticalização**” do lexema causativo, mais radical no Italiano do que no Francês e no Espanhol, segundo ZUBIZARRETA (1985). Para essa autora, é tão forte a aproximação entre o causativo italiano FARE e o sufixo derivacional -IZZARE que ela acaba conferindo aos dois elementos uma mesma análise, ao nível do léxico;

b) o Português brasileiro segue um rumo oposto ao de suas irmãs. O decréscimo de uso das formas do Causado oblíquo, a emergência de padrão com Causado nominativo (expresso nas formas pronominais ou na flexão do infinitivo) remetem-nos a uma reanálise que culmina num efeito oposto ao de suas línguas irmãs: o da “**desgramaticalização**” do item causativo, ou melhor, o da sua realização como verbo pleno. Estamos aqui em face de um dado que desfavorece a hipótese da auxiliaridade aventada para as causativas por alguns de nossos autores (SAID ALI, 1966, por exemplo);

c) o Português europeu fica numa situação de meio-termo, apresentando tanto estruturas de “acusativo + infinitivo”, quanto de Causado oblíquo (dativo/não dativo) e até de Causado nominativo, conforme apontado por RAPOSO (1981).

Resumindo tudo isso, podemos dizer que as causativas de infinitivo do Italiano, Francês e Espanhol enquadram-se na seguinte regra de causativação, postulada por estudiosos do assunto como COMRIE (1976):

(12) Regra I de causativação:

Função gramatical na
oração subordinada:

Função gramatical na
estrutura de superfície:

os prismas de abordagem sincrônica e diacrônica. O uso de formas sintéticas, considerado como de caráter marginal na linguagem adulta por autores como FIGUEIRA (1984) e FRANCHI (1989), encontra-se em plena expansão na nossa língua, apontando para uma alteração de substituição de outras estratégias, principalmente a de supletivismo ou heteronímia lexical. Por seu turno, a preferência pelo padrão “nominativo + infinitivo”, na modalidade oral (que tem como “trigger” o lexema causativo permissivo *deixar*), em contraposição ao uso do esquema “acusativo + infinitivo” indica a resolução de ambigüidade sintática e a opção por uma estrutura analítica, transparente, de configuração bi-oracional na superfície e com marcação casual canônica dos sujeitos principal e subordinado.

Todavia, cumpre esclarecer que o procedimento analítico conciliatório aqui assumido não significa a defesa da aplicação de um procedimento combinatório entre os dois ângulos de abordagem, sincrônico e diacrônico, a todos e quaisquer fatos lingüísticos a serem tomados para exame. O propósito aqui foi simplesmente o de mostrar que tais prismas não são mutuamente excludentes, cabendo ao estudioso perceber e tirar vantagens de sua associação.

Referências Bibliográficas

BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. Marcas de subjetividade na expressão da causação no português. In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ, 2, 1988, Londrina. *Anais...* Londrina: Universidade Estadual, 1988. p.55-66.

CHOMSKY, Noam. *Knowledge of language; its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986. 307p.

COMRIE, Bernard. The syntax of causative constructions: crosslanguage similarities and divergences. In: SHIBATANI, Masayoshi (Ed.) *Syntax and semantics: the grammar of causative constructions*. New York: New York Academic Press, 1976. v.6, p.261-312.

FIGUEIRA, Rosa Attié. *Causatividade: um estudo longitudinal de suas primeiras manifestações no processo de aquisição do português por uma criança*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 1985. 348p. (Tese, Doutorado em Lingüística).

FRANCHI, Regina Celi Moraes Whitaker. *As construções ergativas; um estudo semântico e sintático*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 1989. 193p. (Dissertação, Mestrado em Lingüística).

GÓIS, Carlos. *Sintaxe de regência*. 6. ed. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1945. 204p.

_____. *Método de análise; léxica e lógica (ou Sintaxe das relações)*. 20. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955. 192p.

LIGHTFOOT, David. *Principles of diachronic syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. 427p.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto, 1991. 101p. (Repensando a língua portuguesa).

_____. Caminhos de mudanças sintático-semânticas no português arcaico. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, ano I, v. I, p.85-99, jul./dez. 1992.

RAPOSO, Eduardo José Busaglo Paiva. *A construção “união de orações” na gramática do português*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1981. 445p. (Tese, Doutorado em Lingüística Portuguesa).

SAUSSURE, Ferdinand de. (1922) *Curso de lingüística geral*. Trad. Albert Riedlinger. São Paulo: Cultrix, 1970. 279p.

TARALLO, Fernando. Por uma sociolingüística românica paramétrica: fonologia e sintaxe. *Ensaio de lingüística*, Belo Horizonte, n. 13, p. 51-83, dez. 1987.

TARALLO, Fernando, KATO, Mary. Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística. *Preedição 5*, Campinas: RG, 1989.

WEINREICH, Uriel, LABOV, Willian, HERZOG, Marvin 1. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEFMAN, Winfred P., MALKIEL, Yakov (Ed.). *Directioiis for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, p.95-195.

ZUBIZARRETA, Maria Luisa. The relation between morphophonology and morphosyntax: the case of Romance causatives. *Linguistic Inquiry*, v. 16, n.2, p.247-289, Spring 1985.

Bibliografia concernente aos “corpora”

PONTES, Eunice, DUTRA, Rosália (Org.) Acervo de entrevistas gravadas e transcritas por professores e alunos do Curso de PósGraduação da FALE-UFMG. Belo Horizonte, 1983-1986.

PRETI, Dino, URBANO, Hudinilson (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*; entrevistas (diálogos entre informante e documentador). São Paulo: T.A. Queiroz Editor/ FAPES, 1988. 164p. (Projeto NURC-SP, 3).